



Andrew Norriss

“Encantador, espirituoso e sábio.
Uma ode às delícias de ser diferente.”

The Guardian

WORLD
WIDE
WARRIORS

Encantador,
espirituoso e sábio.
Uma ode às delícias
de ser diferente.
The Guardian



Andrew Norriss



Tradução
Roberto Muggiati

valentina 

Rio de Janeiro, 2018
1ª Edição

Copyright © 2015 by Andrew Norriss
Publicado originalmente na Grã-Bretanha por David Fickling Books.

TÍTULO ORIGINAL
Jessica's Ghost

CAPA E ILUSTRAÇÃO
Raul Fernandes

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
VANESSA MAFRA XAVIER SALGADO – BIBLIOTECÁRIA CRB-7/6644

N772a

Norriss, Andrew

Amigos para a vida / Andrew Norriss; tradução Roberto Muggiati –
1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2018.
208p.; 21 cm.

Tradução de: *Jessica's ghost*
ISBN 978-85-5889-080-9

1. Ficção infantojuvenil britânica. I. Muggiati, Roberto. II. Título.

18-51972

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

*Para todas as Jessicas
e as pessoas que as amaram.*



Francis precisava ficar sozinho.

Precisava ficar sozinho para pensar, motivo por que, apesar do tempo lá fora, levou sua mochila e seu lanche até um banco no lado mais afastado do pátio.

Nem sempre é fácil encontrar solidão numa escola movimentada, mas era fevereiro, a temperatura estava um pouco acima do congelante, e o frio, como sabia Francis, manteria a maior parte das pessoas no lado de dentro. E, mesmo que alguém de fato saísse, provavelmente evitaria *aquele* banco. Ele ficava de frente para o prédio principal da escola, e os alunos da John Felton geralmente preferiam passar o intervalo do lanche em algum lugar longe da vista da sala dos professores e da secretaria.

Francis não se importava que o supervisionassem – não a distância, pelo menos. Tudo o que queria era a oportunidade de pensar sem qualquer perturbação. Ele estava sentado no banco, com um gorro puxado que apertava suas orelhas, e segurava uma xícara de chá quente nos dedos gelados... quando uma perturbação veio atravessando o gramado em sua direção.

Era uma menina de mais ou menos a sua idade – ainda que não a reconhecesse como sendo da escola –, e possivelmente a coisa que mais o distraía nela era o que vestia.

Ou melhor, o que não vestia.

Apesar do frio, não estava de casaco. Tudo o que usava era um vestidinho listrado branco e preto – alguém que entendesse dessas coisas o reconheceria como um vestido zebreado Victoria Beckham –, que deixava braços e ombros expostos ao ar invernal. Aonde quer que estivesse indo, pensou Francis, havia boas chances de morrer congelada antes de chegar.

De canto de olho, ele percebeu, para sua surpresa, que a garota continuava a caminhar diretamente na sua direção, até que parou e então se sentou na outra ponta do banco. As ripas de madeira estavam cobertas por uma fina camada de neve, mas isso não pareceu incomodá-la. Ela se sentou ali e ficou observando calmamente, do outro lado do pátio, o prédio, sem dizer uma só palavra.

Francis não queria companhia, mas acabou ficando curioso. Por que ela atravessara o pátio para se sentar ao lado dele? Por que não falara nada? E por que era aparentemente imune ao frio?

– Talvez você queira um pouco disso – ofereceu ele, estendendo a caneca. – É só chá, mas está quente.

A garota se virou para encará-lo, depois girou a cabeça na direção oposta, como se para ver com quem ele estava falando. Quando percebeu que não havia mais ninguém e que ele deveria estar falando com ela, um olhar de surpresa e choque tomou seu rosto.

– Você está... você está falando comigo? – perguntou ela.

– Desculpa. – Francis recolheu a caneca que oferecera.

– Não vai acontecer de novo.

– Consegue me ouvir?

– Sim – disse Francis. – Desculpa por isso também.

A garota franziu as sobrancelhas. – Mas ninguém consegue me ver! Nem me ouvir!

– Não?

– A não ser que... – A garota o encarou fixamente. – Você não está morto também, está?

– Acho que não.

Francis se esforçou para continuar sorrindo enquanto derramava silenciosamente o restante do chá na grama e atarraxava a caneca de volta à garrafa térmica. Parecia que era hora de dar o fora.

– Não entendo... – A garota continuava observando-o.

– Você... hum... você está morta, é isso? – Francis tentou manter um tom de naturalidade ao guardar a garrafa térmica na mochila.

– O quê? Oh... sim. – Como se quisesse ilustrar o que dizia, a garota ergueu um braço e o fez atravessar as ripas que formavam o encosto do banco como se não tivessem mais densidade que fumaça. – Mas não entendo por que você consegue me ver. Quero dizer... ninguém consegue!

Por vários segundos, Francis não se mexeu. Congelado, com a garrafa térmica numa das mãos e a mochila na outra, seu cérebro reproduziu, passo a passo, a ação que acabara de testemunhar.

– Durante todo o tempo em que estou morta – disse a garota –, ninguém, e quero dizer *ninguém* mesmo, consegui me ver ou ouvir. Nunca.

– Você se importaria – pediu Francis lentamente – de fazer aquilo de novo? A coisa com o braço? Através do banco?

– O quê, isso? – A garota repetiu a ação de passar o braço pelas ripas de madeira às suas costas.

– Sim. Obrigado.

Por alguns instantes, a garota pareceu intrigada, mas logo seu rosto voltou ao normal. – Ah, tá! Você só queria confirmar que não tinha imaginado tudo!

– Isso – disse Francis.

– Pois bem, não imaginou – afirmou ela. – Estou mortinha da silva, e até hoje ninguém conseguiu me ver. Na verdade, já parei na frente das pessoas e gritei, mas nenhuma delas nunca... – E olhou para Francis. – Mas você consegue?

Francis se esforçou para fazer que sim com a cabeça.

– Bem, isso é *estranho!* – falou a garota. – Quero dizer, você sai por aí durante um ano, completamente invisível, e então se senta num banco e...

Olhou para Francis. – Você me deu um baita susto! – E fez outra pausa antes de acrescentar: – Acredito que tenha sido um certo choque para você também.

– Um pouco – concordou ele. – Ainda está sendo, na verdade.

– Não entendo. – A garota balançou a cabeça. – Ninguém, até agora, conseguiu me ver. Quero dizer... estou morta!

- Como? – perguntou Francis.
 - O quê?
 - Só estava me perguntando como você morreu.
 - Ah, claro. – E a garota deu de ombros de leve. – Não me lembro dessa parte. Acho que devo ter morrido num acidente ou algo assim. Tudo o que sei é que me vi no hospital, certa noite, e eu estava...
 - Morta? – sugeriu Francis.
 - Sim.
 - E ninguém conseguia te ver ou ouvir...
 - Ninguém.
 - Certo... Isso deve ter sido... Certo...
- Fez-se um longo silêncio, que acabou sendo quebrado pela campainha avisando o fim do recreio.
- Esse sinal significa que você tem que entrar para a aula, não? – perguntou a garota.
- Francis respondeu que sim. Pegou sua lancheira e a colocou na mochila, mas não fez qualquer movimento para se levantar.
- É que... – começou a garota. – Será que... você se importaria de voltar? Depois?
 - Quer dizer... no final da aula?
 - Sim. Não me importo de esperar. É só que, como falei, ninguém nunca conseguiu me ver ou ouvir até agora. E é... bom ter alguém com quem conversar.
 - Tudo bem – disse Francis.
 - Não se importa?
 - Não. – Francis se levantou e colocou a mochila no ombro. – Não, isso... não seria um problema.

Ele deu alguns passos na direção da entrada da escola.

– Meu nome é Jessica – disse a garota. – Jessica Fry.

– Francis – disse ele. – Francis Meredith.

No caminho de volta para o prédio principal, passou rapidamente pela sua cabeça a ideia de matar a aula, ir à secretaria e contar a alguém o que acabara de acontecer. Tentou imaginar o que fariam. Ligariam para o hospital? Para sua mãe? Para um psiquiatra?

Não que aquilo importasse, pensou ele, pois não tinha a menor intenção de contar a alguém que acabara de conhecer um fantasma na hora do recreio.

Já tinha problemas demais sem afirmar que podia ver gente morta.